

Televisão e Indústria Cultural

Erisvaldo Souza

"Toda a vida das sociedades nas quais reina as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou – se uma representação".

Guy Debord

Nesse texto iremos abordar algumas questões sobre a televisão e o termo indústria cultural, que de alguma forma está ligado a vida de todos, seja através da música, cinema, televisão etc. Hoje vimos uma grande penetração dos meios de comunicação na vida da população em geral. Para desenvolver o nosso texto iremos trazer uma concepção de indústria cultural e posteriormente relacionar tal concepção com a televisão. Para isso iremos utilizar a concepção de indústria cultural dos pensadores da Escola de Frankfurt, Adorno e Horkheimer.

Então comecemos com alguns questionamentos sobre o assunto. Você está satisfeito com o que vê todos os dias na tela da sua televisão? Gosta do que vem sendo veiculado nos programas de televisão? Ou nem dá atenção ao que está sendo veiculado na televisão? Essas perguntas e muitas outras trazem algum sentimento em nós seres humanos, seja ele, de satisfação, que é o que a televisão tenta trazer com seus programas, ou até mesmo de decepção, pois nem sempre a televisão satisfaz a todos os seus telespectadores, pois nem todos pensam ou buscam o mesmo tipo de programação, ou seja, buscam formas diferentes de vê e interpretar os produtos da indústria cultural, neste caso a televisão.

Com o desenvolvimento dos veículos de comunicação e de novas formas de tecnologia, como a rede mundial de computadores (Internet), entre outros, as informações passaram a chegar com maior rapidez, seja em nossas residências, escola, local de trabalho etc. Apesar dessa tempestade de informações não cresceu a preocupação de filtrar ou selecionar tais informações escritas ou faladas. Devemos estar preocupados com os conteúdos que estão sendo veiculados na televisão, pois normalmente a televisão filtra essas informações a partir do interesse de um determinado grupo que domina o mercado, tentando massificar o consumo a partir da diversão. Nesse sentido devemos ter a preocupação de selecionar o que estamos querendo assistir, pois achamos possível buscar uma forma diferente de entender a televisão, e até mesmo criticá-la.

Então, qual é a origem do termo indústria cultural? E o que vem a ser indústria cultural? Podemos entender tal concepção a partir da obra *A Dialética do Esclarecimento* escrita por Adorno e Horkheimer em 1947, pela primeira vez se reconhece que de fato o que existe é uma indústria de produtos culturais, e que tal indústria está voltada para a fabricação de produtos culturais para o consumo das

massas, nesse sentido a televisão está diretamente ligada a esse termo, servindo como forma de diversão e entretenimento e divulgando produtos através de suas propagandas, para satisfazer as necessidades de um certo número de pessoas. Até o surgimento dessa obra se achava que a cultura popular era algo oriundo das próprias massas, nesse sentido Adorno e Horkheimer avançam, pois estes autores mostram que de fato existe uma indústria de produtos culturais e que estão ligadas diretamente ao modo de produção capitalista.

A cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança. O cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema (1). Podemos observar que desde o surgimento dessa teoria as formas de comunicação avançaram e outras formas surgiram, apesar da padronização dos produtos da indústria cultural para o consumo, temos formas de lutar contra tal dominação e não seguir o modismo pregado pela indústria cultural, pois o que é produzido é sempre em seu favor, até mesmo para ocupar a vida do trabalhador fora do seu ambiente de trabalho, ou seja, no ócio.

Podemos dizer que o século vinte será marcante em relação ao desenvolvimento dos meios de comunicação e da própria indústria cultural que se torna hegemônica juntamente com o modo de produção capitalista, por outro lado uma de suas características é a utilização de imagens, como podemos observar abaixo:

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens. Considerado em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos -, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade (2).

Apesar de toda padronização desses produtos e até mesmo da própria televisão, como fugir de tudo isso? Apesar da indústria cultural sempre produzir em favor da ideologia da classe dominante, temos formas diferentes e que de alguma forma trouxeram um conteúdo de crítica a toda essa estrutura, como por exemplo: Algumas produções filmicas, o rock de protesto (punk rock) e o próprio rock produzido no Brasil na década de 1980, que de alguma forma vieram trazer uma visão crítica sobre a própria indústria cultural, mostrando contradições na sua estrutura, onde nem sempre ela produz em seu favor, vinculando assim produtos que vão contra a sua estrutura.

Assim achamos ser possível trazer um conteúdo de crítica e que possa de fato ir contra o que é pregado pela indústria cultural, fugindo de uma ideologia dominante que seria uma inversão da realidade principalmente da classe trabalhadora, que necessita se libertar de toda essa dominação burguesa. O termo indústria cultural é um termo atual e que devemos estar discutindo sobre sua origem e o seu desenvolvimento e que a sociedade em geral deve está buscando novas formas de entender e interpretar tal concepção, nesse sentido ainda é válido a concepção dos pensadores da escola de Frankfurt, pois devemos buscar uma conscientização e ao mesmo tempo fazer críticas radicais a vida cotidiana do capitalismo.

Notas

1 - ADORNO, T. E HORKHEIMER, M.. *A Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 114.

2 - DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997, p. 13.

Erisvaldo Souza
Graduado em História/UFG